1941-1950

Renato da Gama-Rosa Costa
Alexandre Jose de Souza Pessoas

Benedito Tadeu de Oliveira (coord.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, R. G. R., and PESSOA, A. J. S. 1941-1950. In.: *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos* [online].
Coordinator Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 112-133. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-113-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081136.0009>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1941

1950

1941 - 1950

Um lugar para a ciência: a formação do *campus* de Manguinhos

1940

1950

1960

De 1941 a 1950

- 11 Cocheira - Instituto Soroterápico
- 18 Cais
- 20 Pombal
- 21 Cavalaria
- 22 Pavilhão do Relógio
- 23 Caramanchão
- 24 Pavilhão Mourisco
- 25 Horta Ilha do Pinheiro
- 26 Viveiro de peixes - Ilha do Pinheiro
- 27 Residência do zelador - Ilha do Pinheiro
- 28 Residência Museu de Hidrobiologia, - Ilha do Pinheiro
- 29 Hospital Evandro Chagas
- 30 Cantina
- 31 Residência
- 32 Ambulatório HEC
- 33 Biotério HEC
- 34 Depósito
- 35 Aquário de água salgada
- 36 Pavilhão Figueiredo Vasconcellos
- 37 Anexo Casa de Chá
- 38 Bichário

- 39 Casa Amarela
- 40 Residência
- 41 Estufas
- 42 Depósito para inflamáveis
- 43 Necrotério HEC
- 44 Cocheira velha
- 45 Residência para funcionário - Horta
- 46 Residência para funcionário - Horta
- 47 Residência para funcionário - Horta
- 48 Residência para funcionário - Horta
- 49 Companhia Melhoramentos da Baixada - demolido na década de 40
- 50 Pavilhão Rockefeller
- 51 Pavilhão Laura Travassos
- 52 Coelheira
- 53 Cocheira
- 54 Pavilhão da Marcenaria
- 55 Pavilhão de Vírus
- 56 Estrebaria
- 57 Depósito
- 58 Forno crematório

- 59 Estaleiro - Ilha do Pinheiro
- 60 Cais - Ilha do Pinheiro
- 61 Oficina mecânica - Ilha do Pinheiro
- 62 Chaminé - Ilha do Pinheiro
- 63 Tanques de água do mar - Ilha do Pinheiro
- 64 Estação de Hidrobiologia - Ilha do Pinheiro
- 65 Residência do mecânico - Ilha do Pinheiro
- 66 Pavilhão Torres Homem
- 67 Almoarifado - Atual Reserva técnica do Museu da Vida
- 68 Pavilhão Carlos Chagas
- 69 Pavilhão Arthur Neiva
- 70 Pavilhão da Biologia
- 71 Oficina
- 72 Garagem
- 73 Depósito
- 74 Pavilhão Carlos Augusto Da Silva
- 75 Lavanderia HEC
- 76 Pavilhão Adolfo Lutz
- 77 Caixa d'água
- 78 Depósito

0 50 100 200

BASE CARTOGRÁFICA: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFÉTICO IPP/PCRJ
PLANTA DE ATUALIZAÇÃO COLÔNIA DE MANGUINHOS - SITUAÇÃO - D.O./M.S. - 1956
PLANTA DE SITUAÇÃO DA ILHA DO PINHEIRO - LEJEUNE DE OLIVEIRA - 02/01/1952

RIO DO CUNHA

RIO JACARÉ

CANAL FARIA-TIMBÓ

RIO JACARÉ

CANAL DO CUNHA

EST. CARLOS CHAGAS

LEOPOLDINA RAILWAY

ESTRADA RIO-PETRÓPOLIS
R. LEOPOLDO BULHÕES

Terreno da Fiocruz

Área perdida

Área ganha

Edificações preexistentes

Edificações construídas
na década de 40

Edificações não
pertencentes ao Instituto

Terrenos com seção solicitada
pelo Instituto em 1948

Terrenos ocupados pelo
Aero-Clube do Brasil em 1948

Terreno cedido ao Instituto
pelo termo lavrado no livro
03, folhas 53 a 62, em 1948

OFICINA DA
DIVISÃO DE OBRAS
DO MINISTÉRIO DA
AERONÁUTICA

FAIXA DE 60m OCUPADA
PELA AV. BRASIL
ENTRE 1939/46

FAIXAS ORIGINAIS
DA AV. BRASIL

BAR E
RESTAURANTE

HANGAR CAPITÃO
RICARDO KIRK

ALOJAMENTO

CAMPO DE FUTEBOL

BANCO DE
PROVAS DE
MOTORES

REFEITÓRIO
E GARAGEM
N.A.B.

NAVEGAÇÃO
AERO-BRASILEIRA

ESCOLA HUGO
CANTEGIAHI

AERO-CLUB

AERO-CLUB DO BRASIL/
NAVEGAÇÃO AERO-BRASILEIRA

PISTA DE
TAXIAMENTO

HANGAR TENENTE
EUGÊNIO PESSOLO

TORRE

DEPARTAMENTO DE
AVIAÇÃO CIVIL

PISTA DE POUSO
E DECOLAGEM

PRAIA DE INHAUMA

BAÍA DE GUANABARA

Antonio Cardoso
Fontes
Diretor do Instituto
Oswaldo Cruz
de 31 de
dezembro de 1934
a 2 de julho
de 1942.

Henrique de
Beaurepaire
Aragão
Diretor interino do
Instituto Oswaldo
Cruz
no período de
18 de fevereiro
de 1942
a 15 de fevereiro
de 1944, quando
foi efetivado
e permaneceu até
10 de fevereiro de
1949.

Olympio Oliveira
Ribeiro da Fonseca
Diretor do Instituto
Oswaldo Cruz
de 10 de fevereiro
de 1949
a 14 de julho
de 1953.

Em 1942, o Instituto Oswaldo Cruz passou a ser administrado por Henrique Aragão. Segundo o depoimento do cientista Lobato Paraense,⁵⁸ Henrique Aragão era um diretor que gostava de andar pelo *campus*, ao contrário de seu antecessor, Cardoso Fontes, que, por problemas de saúde, se limitava a ficar dentro de sua sala no último pavimento do Pavilhão Mourisco. Esse interesse de Aragão pelo *campus* de Manguinhos foi fundamental para a expansão e a consolidação da área do Instituto, que no início de sua gestão não tinha ainda seus limites demarcados. Segundo Herman Lent,⁵⁹ não se pode dizer que Aragão fosse um mau diretor, mas ele era visto como uma pessoa que se dedicava mais ao exterior, ao *campus*, a sua arborização e a sua delimitação.

Quando Henrique Aragão assumiu a direção do IOC, a arrecadação do Instituto havia aumentado, pois se tornara peça importante na produção de soros, vacinas, plasma sanguíneo, penicilina etc., depois que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial. Pelo Regulamento de 1942, as antigas seções científicas passaram a se chamar divisões, mais completas e mais complexas, em decorrência da própria diversificação, em pleno crescimento, do conhecimento científico e técnico na época.

Preocupado com a delimitação física do *campus*, Aragão tratou de construir os novos pavilhões distantes do núcleo arquitetônico original do IOC, numa clara vontade de expandir e marcar os domínios do Instituto pela área,

⁵⁸ Lobato Paraense – Trecho de depoimento, de 4 de novembro de 1998, registrado na fita 2, lado A.

⁵⁹ Herman Lent – Trecho de depoimento, de 15 de junho de 2000, registrado na fita 1, lado B.

Pavilhão de Cursos. Destaque para o painel de Burle Marx produzido pela Osirarte. (Foto Marcel Gautherot. Acervo Burle Marx & Cia Ltda)

utilizando-se, inclusive, da arquitetura da época, o modernismo carioca.

Esse terreno não tinha nenhuma planta de situação, (...) os edifícios eram plantados indiscriminadamente (...), não se tinha uma idéia de urbanização. (...) Então o meu marido, que trabalhava nesse setor (ele foi o planejador de Nilópolis, Corrêas), trabalhava muito em levantamentos e me ajudou. Nós colocamos uma pessoa lá e confeccionamos uma planta de situação muito bem feita, com orientação, com curvas de nível, tudo como manda o figurino. E foi graças a isso que pudemos definir o ponto que deveria ser escolhido pelo Dr. Aragão para a construção do Pavilhão da Patologia. (...) Ele vinha para cá comigo e com meu marido para colocar os

Vista aérea do *campus* de Manguinhos. Da esquerda para a direita: a fachada posterior do Pavilhão da Patologia, o Aquário em ruínas, o Quinino sobrelevado, o Pavilhão Mourisco, o Pavilhão da Cavalaria e o Pavilhão Lauro Travassos com seus quatro blocos acrescidos e com o bloco principal sobrelevado de mais um pavimento e o campo de aviação e hangar do Aero-Clube do Brasil. Ao fundo, detrás do Pavilhão Mourisco, a Ilha do Pinheiro. (DAD/Fiocruz)

O Pavilhão Lauro Travassos com a sobrelevação do bloco da frente. Nessa década se intensificam os trabalhos de arborização do *campus*. (DAD/Fiocruz)

piquetes na posição em que iam ficar as extremidades das fundações. (...) Foi o Henrique Aragão que escolheu o terreno, fez o programa, fez tudo.⁶⁰

Participante ativo da elaboração dos programas dos edifícios e no acompanhamento das obras, Aragão deixava a concepção arquitetônica e a expressão plástica dos edifícios sob a responsabilidade da capacidade e da imaginação de cada arquiteto. A nova arquitetura, apresentada nos novos pavilhões construídos, vinha da equipe da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde (DO/MES), composta de profissionais formados pela Escola Nacional de Belas-Artes, na década de 30. A contribuição para essa arquitetura contava, ainda, com o apoio importante do ministro Gustavo Capanema, um legítimo e reconhecido defensor dos ideais modernistas.

⁶⁰ Olenka Freire Greve – Trecho de depoimento, de 30 de maio de 2000, registrado na fita 1, lado B. A planta em questão está nos arquivos DAD/COC, Fiocruz. Olenka se refere ao engenheiro civil Henrique Ernesto Greve, com quem se casou em 1940.

O Pavilhão da Patologia (atual Carlos Chagas), em construção.
Em primeiro plano cobertura do antigo Almoarifado. (DAD/Fiocruz)

O Pavilhão da Patologia, em construção.
Em primeiro plano cobertura do Quinino. (DAD/Fiocruz)

À direita, no centro, o Pavilhão da Patologia, recém-inaugurado. Projeto da arquiteta Olenka Freire Greve, da equipe da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde. (DAD/Fiocruz)

Aragão era tão presente nesta fase de projetos que ia praticamente todos os dias à Divisão de Obras, no edifício do MES, para saber do andamento dos trabalhos. Ganhou dos funcionários do ministério o apelido de “dez-pras-cinco”,⁶¹ pois era pontualmente neste horário, no fim do expediente para desespero dos arquitetos, que ele chegava.

Sobre a pontualidade de Aragão comenta Lent:

Bom, então eu vou dizer outra coisa: havia um livro de ponto que nós tínhamos que assinar. Esse livro ficava embaixo, no primeiro andar do Castelo, até as nove horas.(...) Às nove horas o Aragão mandava (...) levar o livro de ponto para o laboratório dele. Então quem chegasse depois das nove horas o Aragão via. Ele assinava, não dizia nada. Quando chegava três da tarde o livro descia para o andar de baixo, de onde tinha saído de manhã. E aí, de três horas em diante, a gente podia assinar. (...) De modo que esse ‘dez-paras-cinco’ procede... O horário era uma maneira dele.⁶²

Na gestão de Henrique Aragão foram construídos ou iniciados o Pavilhão de Patologia, atual Carlos Chagas, o Pavilhão da Biologia, o Pavilhão de Cursos e o Pavilhão do Restaurante Central. Com exceção do Pavilhão Carlos Chagas, os edifícios foram implantados em áreas extremas do *campus* de Manguinhos.

Em todos esses edifícios utilizaram-se materiais de construção, sistema construtivo e estrutural característicos do movimento moderno, composto de estrutura independente de concreto armado, vedações de tijolos cerâmicos, panos de vidro e cobertura de telhas de amianto.

O Pavilhão Carlos Chagas foi projetado em 1944⁶³ pela arquiteta Olenka Freire Greve (Anexo I) e inaugurado no fim do Governo Dutra.⁶⁴ Esse edifício foi concebido como um prisma, retangular e vertical, com tratamento sóbrio, possuindo fachadas laterais cegas e

⁶¹ Floroaldo Albano – Trecho de depoimento, de 26 de abril de 2000, registrado na fita 1, lado A. Acervo DPH/COC, Fiocruz. “E até o pessoal brincava: (...) dez para as cinco. Por que dez para as cinco ele estava lá na Divisão de Obras quase todo os dias cobrando. Saía daqui e ia para lá. Acompanhava.”

⁶² Herman Lent – Trecho de depoimento, de 15 de junho de 2000, registrado na fita 1, lado B.

⁶³ Olenka Freire Greve – Trecho de depoimento, de 30 de maio de 2000, registrado na fita 1, lado B.

⁶⁴ O General Eurico Gaspar Dutra governou entre 31 janeiro de 1946 e 31 de janeiro de 1951.

M.E.S. DIVISÃO DE OBRAS				
DATA		PROJETADO POR <i>Olenka Freire Greve</i>		PROJETO
PROJETADO		POR		Nº
CALCULADO		POR		
DESENHADO		POR <i>Marcelo Silva</i>		DESENHO
VERIFICADO		POR		
APROVADO		POR		
ESCALA	PAV. DE PATOLOGIA DO INSTITU- TO OSWALDO CRUZ			Nº
1:50	PAVIMENTO TERREO			

Carimbo com a assinatura da arquiteta Olenka Freire Greve. (DAD/Fiocruz)

fachadas frontal e posterior rasgadas horizontalmente em cada pavimento. Foi adotada também estrutura constituída de pilares circulares aparentes no pavimento térreo e seguindo a tipologia funcional do hospital verticalizado, introduzida pelo movimento da arquitetura moderna.

Com participação intensa dos cientistas, em especial de Aragão, na elaboração do programa, o projeto teve como resultado um edifício extremamente funcional, sem arroubos estéticos. A tipologia de hospital verticalizado foi adotada posteriormente nos projetos dos edifícios de Bio-Manguinhos e da Expansão do *campus*.

Sobre ele nos conta Olenka, a autora do projeto:

Planta baixa do Pavilhão da Patologia (atual Carlos Chagas). (DAD/Fiocruz)

A concepção do edifício não pôde ser com muita fantasia, visto que era um programa muito rígido, você vê que eram todos os laboratórios iguais, todos tinham aquelas áreas iguais e tinha que haver coordenação e comunicação entre os cientistas, então a idéia foi de fazer aquela porção de salas com uma circulação... não tinha fantasia.

(...) A questão do terreno foi determinante para a verticalidade. Hoje quando a gente olha lá de fora é uma das primeiras coisas que a gente vê...⁶⁵

O projeto do Pavilhão Carlos Augusto da Silva, ou Refeitório Central, que teve sua construção iniciada em 1947, tinha como meta atender independentemente o pessoal administrativo, técnicos e auxiliares. Para isso foram criados no andar superior dois salões de refeições e uma cantina, servidos por uma cozinha central. Os dois refeitórios foram protegidos por *brise-soleils*, uma vez que, para usufruírem a melhor vista, ficaram com orientação solar desfavorável. Foi aproveitado o desnível do terreno e os depósitos, vestiários e a casa de máquinas ficaram no pavimento inferior, que era em grande parte ocupado por pilotis. O Refeitório Central é uma obra notável, onde existe uma associação harmoniosa entre o rigor do desenvolvimento dos detalhes, o estudo dos aspectos funcionais e as soluções técnicas, espaciais e estéticas. Nesse projeto, Jorge Ferreira (Anexo I) adota uma concepção volumétrica constituída pela interligação de dois corpos com coberturas inclinadas formando um perfil em V, que tem a sua movimentação acentuada pela declividade do terreno. O corpo anterior, construído com pavimento térreo liberado por pilotis, tinha uma rampa de acesso a um terraço delimitado pela fachada principal, que recebeu tratamento diferenciado: um extenso quadriculado de concreto, interrompido apenas pelas aberturas de ingresso ao interior, e por um pequeno painel de azulejos. O corpo posterior tem suas fachadas cuidadosamente trabalhadas por meio da utilização de grandes esquadrias de madeira, pequenas aberturas quadrangulares e *brises-soleils*, rigorosamente projetados de acordo com a incidência solar e a necessidade de iluminação dos ambientes internos. Com esse projeto, Jorge Ferreira ganhou Menção do júri da 1ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo de 1951. Esse edifício sofreu grandes

⁶⁵ Olenka Freire Greve - Trecho de depoimento, de 30 de maio de 2000, registrado na fita 1, lado B.

Vista externa do Restaurante Central. (DAD/Fiocruz)

descaracterizações, como a demolição e a substituição da rampa original, a ocupação e o fechamento dos pilotis, além da inserção, sem nenhum cuidado, de volumes inadequados na fachada posterior e na cobertura. Foi desenvolvido recentemente um projeto de restauração desse edifício, que deverá ser executado por etapas.

O painel de azulejos do Pavilhão do Restaurante central é de Paulo Rossi Osir,⁶⁶ artista de origem italiana que trabalhava para, entre outros, Portinari. Osir e Portinari são os autores dos painéis de azulejos do Palácio Gustavo Capanema, sede do Ministério da Educação e Saúde, construídos entre 1937 e 1953.

Restaurante Central projeto do arquiteto Jorge Ferreira, da equipe da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde. (DAD/Fiocruz)

⁶⁶ A empresa do pintor e empreendedor Paulo Rossi Osir, a Osirarte, foi fundada em 1940 para executar os azulejos desenhados por Portinari para os painéis do edifício do MEC, mas depois, em quase duas décadas de existência, transcendeu a mera execução para voltar-se à criação e à produção de azulejos especialmente desenhados por nomes como Volpi, Mario Zanini, Gerda Brentani e Hilde Weber. Eles faziam não só painéis fixos ou móveis, como também superfícies para bandejas, mesas, lareiras e detalhes para fontes e piscinas.

Interior do salão principal do Pavilhão do Restaurante Central em 1957.
(Fundo Correio da Manhã. Arquivo Nacional)

Sobre os painéis, comenta Ferreira:

O Paulo Osir Rossi foi quem fez aqueles azulejos todos do Ministério da Educação (...) com desenhos do Portinari. O Rossi era um sujeito formidável, de uma cultura muito grande e muita coisa ele ensinou ao Portinari sobre técnicas de pintura.(...) Ele era italiano, e italianos como ceramistas são fabulosos, aliás Itália e Portugal o são. Então chamaram-no pra fazer o painel do prédio do MES, eu o conheci e ficamos muito amigos. (...) O painel do refeitório é dele. O painel do Pavilhão de Cursos é do Burle Marx, nós já éramos muito amigos nessa época. Eu que pedi pro Burle fazer o painel do Pavilhão de Cursos. Esse painel vinha até o chão. O painel do Refeitório foi presente do Rossi, ele ofereceu inclusive o material (...).⁶⁷

Ainda mais criativo, o projeto do Pavilhão de Cursos, também de Ferreira, recebeu, a colaboração de Roberto Burle Marx – grande amigo do arquiteto, que fez o paisagismo e desenhou o painel de azulejos, com motivos em microrganismos aquáticos. O painel cerâmico do Pavilhão de Cursos foi danificado em obra de reforma executada sem critérios, e sua parte inferior foi retirada. Por sorte, alguém se preocupou em armazenar algumas das cerâmicas e elas servirão de base para a futura restauração do painel.

O edifício tem concepção volumétrica e espacial, constituída da articulação harmoniosa conseguida por intermédio da utilização de estrutura modulada e independente de dois blocos distintos e contrastantes

em suas formas: um retilíneo, abrigando as salas de aula, e o outro em forma de uma cunha abaulada, abrigando o auditório, ambos interligados por uma laje suspensa por pilotis que se cruzam ortogonalmente. O bloco longitudinal de dois pavimentos foi concebido com clareza geométrica e volumetria predominantemente horizontal. Esse bloco tem fachada anterior movimentada pela alternância de varandas e vedações, com cobogó

⁶⁷ Jorge Ferreira – Trecho de depoimento, de 12 de março de 1999, registrado na fita 1, lado B.

Projeto das fachadas do Pavilhão de Cursos, de Jorge Ferreira. (DAD/Fiocruz)

Conjunto de edificações modernistas construídas durante a gestão de Henrique Aragão, utilizando a linguagem da nova arquitetura como uma afirmação de sua gestão consolidadora. Em primeiro plano o Pavilhão de Cursos e à direita o Pavilhão da Patologia (atual Carlos Chagas). Ao fundo à esquerda o Pavilhão Mourisco e à direita o Quinino. (DAD/Fiocruz)

no pavimento superior e pilotis no *hall* do pavimento térreo. A sua fachada posterior é mais simplificada, marcada pelo ritmo da estrutura independente e pelos contínuos rasgos horizontais em cada pavimento. O bloco do auditório foi tratado de forma escultórica, através da criação de um volume de perfil inclinado com planta trapezoidal, sendo a face principal curva. Tal volume rompe uma extensa laje plana sustentada por pilotis, a qual, por sua vez, cria um terraço que circunda o auditório situado no pavimento superior. As fachadas laterais são protegidas por *brises-soleils* verticais, ao passo que a fachada principal, cega e curvilínea na sua base e no seu perfil superior, possui um painel de azulejos. No entorno do Pavilhão de Cursos foram implantados jardins de autoria de Roberto Burle Marx. As descaracterizações sofridas por esse edifício, além da demolição da parte inferior do painel de azulejos e dos jardins de Burle Marx, incluem ainda as alterações das fachadas laterais do auditório e da ocupação de parte dos pilotis do bloco longitudinal.

A respeito dos projetos, Ferreira comenta:

O programa do refeitório, praticamente só eu e o Henrique Aragão fizemos, era um programa muito simples. O programa do Pavilhão de Cursos foi feito por várias pessoas. No projeto do Pavilhão de Cursos, o auditório era mais separado do prédio, ficava bem mais bonito, mais solto. Em 1947, durante as obras, quando eu fui para a Europa, eles resolveram não sei por que enxugar um vão ali, e ficou muito próximo. Ficaria outra coisa, mais solto.⁶⁸

Sobre os terrenos:

Eu participei da escolha dos terrenos. Na época, o Pavilhão de Cursos foi escolhido ali porque era perto da Avenida Brasil, que já era uma coisa projetada durante essa escolha. Mas depois fecharam aquilo ali e agora tem-se que dar a volta. O terreno do refeitório foi escolhido, pois era o local mais ou menos central, relativamente perto do Castelo.⁶⁹

A arquitetura de Jorge Ferreira integra o conjunto das obras marcantes produzidas no Brasil a partir da segunda metade da década de 30, que teve repercussão internacional por reelaborar, de maneira criativa, os princípios da arquitetura moderna. A característica

⁶⁸ Jorge Ferreira – Trecho de depoimento, de 12 de março de 1999, registrado na fita 1, lado B.

⁶⁹ Ver nota 68.

principal das obras produzidas nesse período é a utilização de soluções e elementos arquitetônicos da tradicional arquitetura brasileira, reinterpretada a partir de uma ótica moderna: tratamento plástico das fachadas com painéis de azulejos, telhados inclinados e esquadrias de madeira em contraste com amplos panos brancos, utilização de cobogó, treliças e varandas para proporcionar melhor conforto térmico.

A linguagem arquitetônica das obras projetadas por Jorge Ferreira, que conjuga sobriedade e despojamento com refinado tratamento dos detalhes, tem parentesco direto com as obras dos pioneiros da arquitetura moderna brasileira: Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, irmãos Marcelo, Milton e Maurício Roberto, entre outros.

Adotando tipologias e linguagem arquitetônicas semelhantes, contudo sem a qualidade arquitetônica dos projetos de Ferreira, o Pavilhão da Biologia foi construído provavelmente entre os anos de 1947 e 1950, na outra extremidade do *campus*, ajudando a ocupar aquela área vizinha ao Rio Faria, atual Canal do Cunha.⁷⁰ Existe uma perspectiva do Pavilhão da Biologia, datada de 1947, assinada por J. O. Bonard, porém a autoria do projeto continua desconhecida. Em fins da década de 80, o bloco posterior desse pavilhão foi demolido para dar lugar ao edifício do novo almoxarifado.

Aragão foi, ainda, o responsável direto pela arborização do *campus* de Manguinhos e pela construção do muro que separa a área do Instituto da área da favela, que na época crescia, ao longo da antiga estrada de Manguinhos. Essa favela foi iniciada a partir da construção de pequenas residências dos próprios funcionários do Instituto.

Sobre Aragão, comenta Jorge Ferreira:

Era um sujeito formidável, muito empreendedor. (...) A gente sentia que era um homem que tinha entusiasmo por aquilo, queria realmente criar alguma coisa que funcionasse, que fosse eficiente. (...) Tinha uma visão bastante ampla do Instituto como *campus*. Foi quando ele pensou no Pavilhão de Cursos, depois no Refeitório Central. (...) O Instituto Oswaldo Cruz na época já

⁷⁰ O Canal do Cunha é o deságüe atual do Rio Faria-Timbó, junção dos rios Faria e Timbó, na Baía de Guanabara. Na década de 50, pelo fato de a região ser ainda pouco aterrada, não havia o canal.

era um Instituto muito importante, mas Aragão o revitalizou muito.⁷¹

A regularização definitiva dos limites do Instituto só foi resolvida em 1948, após anos de empenho pessoal de Aragão, particularmente em 1946. Com ela, foram incorporados ao *campus* de Manguinhos dois terrenos, num total de cerca de 238.000 m² situados entre o mar e a Avenida Brasil.⁷²

O cercamento definitivo dos limites do Instituto com a favela na década de 40 confinou a estrada de Manguinhos dentro do *campus*, o que fez com que ela perdesse seu caráter de via pública, passando a atender somente ao fluxo interno da Fiocruz. O acesso ao *campus* nas áreas próximas ao litoral começou a se dar pela Avenida Brasil, construída no terreno do Instituto e inaugurada em 1946. A construção da Avenida Brasil limitou definitivamente a área do *campus*, cortando sua comunicação com o mar.

Aragão foi então o responsável direto pela arborização, a legalização, a consolidação e a ocupação efetiva do terreno do *campus* de Manguinhos. Foi ainda o mentor dos pavilhões Carlos Chagas, de Cursos, da Biologia e do Restaurante Central, além de ter participado também da elaboração da concepção, do programa e da implantação desses edifícios. O pavilhão que recebeu seu nome não foi concebido por ele, nem foi construído em sua administração, e foi projetado para abrigar laboratórios que trabalham diretamente com febre amarela. A maioria do pessoal que trabalha lá refere-se ao edifício como 'Lafa', alusivo a Laboratório de Febre Amarela.

⁷¹ Jorge Ferreira - Trecho de depoimento, de 12 de março de 1999, registrado na fita 2, lado A.

⁷² Benchimol (1990:98).

Perspectiva do Pavilhão de Biologia, de J. O. Bonard, 1947. (DAD/Fiocruz)

Foi na década de 40, marcada pela consolidação dos limites do *campus* de Manguinhos, pela gestão de Henrique Aragão e pela introdução da arquitetura moderna na Fiocruz, que aconteceram as primeiras descaracterizações do conjunto arquitetônico concebido por Oswaldo Cruz e Luiz Moraes Júnior. Em 1936, já se constatava a carência de espaços para o funcionamento dos laboratórios abrigados no Quinino e já se estudava a possibilidade de instalação de um elevador e de construção de mais um pavimento. Em 1943, com o projeto assinado por Nabor Forster e aprovado por Luiz Moraes, foi iniciada a sobrelevação do Quinino. O acréscimo de mais dois pavimentos nesse pavilhão alterou a relação harmoniosa que existia entre os edifícios da Praça Pasteur. Como o projeto foi supervisionado pelo próprio Moraes, a construção final ainda ficou bem-composta em seu conjunto, perdendo, porém, suas relações de escala e de volume anteriores. Uma

observação atenta das fachadas atuais e de alguns detalhes construtivos internos revela a diferença entre os pavimentos originais e os acrescentados. Essa obra provocou também mudanças na coluna das escadas e na localização dos banheiros. Essa seria uma das últimas participações de Moraes⁷³ no Instituto. Na década de 40, foi iniciada também a sobrelevação do Pavilhão Lauro Travassos.

A construção do antigo refeitório, hoje conhecido como Edifício do Almoxtarifado, na gestão de Cardoso Fontes, e a construção do Pavilhão Adolfo Lutz, na gestão de Olympio da Fonseca, também alteraram a ambiência do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos, devido aos materiais de construção, sistemas construtivos e aos estilos utilizados.

A edificação do Pavilhão Carlos Chagas, apesar de não ser uma intervenção direta no conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos, mudou a relação desse conjunto com seu entorno. Essa construção disputa a silhueta e passou a bloquear parcialmente algumas das principais linhas de visada do conjunto: a dos que trafegam na Avenida Brasil no sentido sul e a dos que vêm da Ilha do Fundão na direção de Manguinhos.

Projeto de sobrelevação do Quinino. Desenho da fachada, no canto inferior esquerdo. Em destaque a assinatura de Nabor Forster e aprovação de Luiz Moraes Jr., em 1943. (DAD/Fiocruz)

⁷³ A outra seria a de um projeto para a portaria da Avenida Brasil, como veremos adiante.

Aspecto final do Quinino, após a sobrelevação (s/d). (DAD/Fiocruz)

Imagens da abertura da variante da Rio-Petrópolis (atual Avenida Brasil) no terreno do Instituto Oswaldo Cruz. A foto à direita foi tirada do terraço do quinto pavimento do Pavilhão Mourisco. (Revista Municipal de Engenharia, março de 1941. Biblioteca Noronha Santos, Iphan)

Existem semelhanças entre as atuações de Oswaldo Cruz e de Henrique Aragão na direção do IOC, pois ambos executaram e participaram ativamente de grandes empreendimentos que provocaram significativas alterações físicas no *campus* de Manguinhos. A diferença talvez esteja no fato de Aragão permitir aos arquitetos contratados uma maior liberdade de criação durante a elaboração dos projetos.

Projeto da Avenida Brasil, planejada como uma variante da Rio-Petrópolis. (*Revista Municipal de Engenharia*, março de 1941. Biblioteca Noronha Santos. Iphan)